

Nepotismo à Portuguesa: O Último Ato de Centeno

Publicado em 2025-09-30 09:41:34



Box de Factos

- Mário Centeno, na reta final como governador do Banco de Portugal, nomeou o seu chefe de gabinete, Álvaro Novo, para funções estratégicas.

- O sucessor, **Álvaro Santos Pereira**, tinha defendido que tais nomeações não deveriam ser feitas no fim de mandatos.
- **Álvaro Novo**, amigo de longa data de Centeno, mantém agora posição no Secretariado-Geral e Conselhos (SEC).
- Centeno justificou a decisão com a experiência de Novo e confirmou que permanecerá no Banco após deixar o cargo.

O Abuso da Constituição e o Nepotismo de Centeno

Portugal volta a assistir ao ritual do poder fechado sobre si mesmo. **Mário Centeno**, ainda governador do Banco de Portugal, decidiu blindar a carreira de **Álvaro Novo** — amigo pessoal, antigo braço direito no Ministério das Finanças e chefe de gabinete — garantindo-lhe um cargo estratégico mesmo à beira da mudança de liderança.

O contraste é evidente: **Álvaro Santos Pereira**, o sucessor, defendeu publicamente que decisões estruturais não deviam ser tomadas no final de mandatos. Centeno, porém, fez exatamente o contrário, mostrando que a palavra de quem entra vale menos que a vontade de quem sai.


A desculpa oficial? “Quase duas décadas de experiência” e “regras internas desde 2016”. Mas a realidade é outra: a perpetuação de uma rede de confiança pessoal dentro da instituição, disfarçada de normalidade administrativa. Um exemplo claro de *nepotismo institucionalizado*.

Mais grave ainda é a confirmação de que o próprio Centeno continuará no Banco após a saída. Em Portugal, o poder

raramente abandona o palco — limita-se a trocar de cadeira. **É o eterno retorno das elites: quem chega nunca parte, quem manda nunca larga o osso.**

O caso expõe a banalização do abuso da Constituição e do nepotismo: em vez de instituições exemplares, temos lugares cativos distribuídos entre amigos do sistema.

No fundo, a mensagem é simples: a Constituição existe, mas é moldada como barro nas mãos de quem governa. E o Banco de Portugal, que devia ser pilar de confiança e ética, surge como mais uma engrenagem de um teatro onde as regras são secundárias e a prioridade é sempre a mesma — **garantir a sobrevivência dos de sempre.**

 Artigo de **Augustus Veritas** em colaboração com **Francisco Gonçalves**
Série *Contra o Teatro da Mediocridade* – Fragmentos do Caos

Fonte: **Expresso**, 30 de setembro de 2025



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

• [Ebooks](#)

• [Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)